

Fazeres-casas-territórios: mundos guardados em histórias de mulheres

Vanessa Alves Cordeiro e Thais Troncon Rosa

CORDEIRO, Vanessa Alves; ROSA, Thais Troncon. Fazeres-casas-territórios: mundos guardados em histórias de mulheres. *Thésis*, Rio de Janeiro, v. 9, n. 17, p. 50-71, ago 2024

data de submissão: 01/04/2024
data de aceite: 21/05/2024

Vanessa Alves CORDEIRO é Mestre em Arquitetura e Urbanismo pelo PPGAU-UFBA; Professora substituta na FAET-UFMT; cordeiro.vanessa@ufba.br.

Thais Troncon ROSA é Doutora em Arquitetura e Urbanismo pela Universidade de São Paulo; Professora adjunta da Faculdade de Arquitetura da Universidade Federal da Bahia (FAUFBA), professora permanente do Programa de Pós-Graduação em Arquitetura e Urbanismo - PPGAU/FAUFBA, e docente credenciada na Residência AU+E/FAUFBA; thais.troncon@ufba.br.

Resumo

Este artigo apresenta reflexões acerca das imbricações entre mulheres, casas, fazeres e territórios a partir de fragmentos das vidas de Urçula e Luzia, mãe e filha, que são mobilizados como testemunhos de temporalidades e territorialidades alargadas, desde os anos 1940 à contemporaneidade, do interior dos sertões cearenses a grandes capitais brasileiras como Fortaleza e São Paulo. Suas experiências evidenciam a necessidade de considerar o gênero ao tratar de moradia; o enlace entre diferentes casas na constituição de "configurações de casas" que funcionam em redes de relações alimentadas especialmente por mulheres; a imbricação entre os fazeres e o território, neste caso específico, do bordado em sua produção doméstica e suas implicações na dinâmica socioeconômica e espacial do distrito de Taparuaba, assim como nas configurações de casas das mulheres bordadeiras. Estas histórias revelam ainda redes de cuidado e práticas cotidianas, permeadas por deslocamentos físicos e sociais, refletindo uma intrincada teia de relações cruciais para uma compreensão mais profunda das questões socioespaciais no Brasil, ressaltando a importância de reconhecer e valorizar a diversidade de formas de habitar e construir territórios.

Palavras-chave: mulheres, casas, territórios.

Abstract

This paper presents reflections on the imbrications between women, houses, work and territories based on fragments from the lives of Urçula and Luzia, mother and daughter, who are mobilized as testimonies of extended temporalities and territorialities, from the 1940s to the present day, from the interior of the Ceará hinterlands to large Brazilian capitals such as Fortaleza and São Paulo. Their experiences highlight the need to consider gender when dealing with housing; the link between different houses in the constitution of "configurations of houses" that function in networks of relationships fed especially by women; the imbrication between crafts and the territory, in this specific case, embroidery in its domestic production and its implications for the socio-economic and spatial dynamics of the Taparuaba district, as well as the configurations of houses of women embroiderers. These stories also reveal networks of care and daily practices, permeated by physical and social displacement, reflecting an intricate web of relationships that are crucial for a deeper understanding of socio-spatial issues in Brazil, highlighting the importance of recognizing and valuing the diversity of ways of inhabiting and building territories.

Keywords: women, houses, territories.



Resumen

Este trabajo presenta reflexiones sobre las imbricaciones entre mujeres, casas, trabajo y territorios a partir de fragmentos de las vidas de Urçula y Luzia, madre e hija, que se movilizan como testimonios de temporalidades y territorialidades extendidas, desde la década de 1940 hasta la actualidad, desde el interior del interior de Ceará hasta grandes capitales brasileñas como Fortaleza y São Paulo. Sus experiencias ponen de manifiesto la necesidad de considerar el género en el tratamiento de la vivienda; el vínculo entre diferentes casas en la constitución de «configuraciones domésticas» que funcionan en redes de relaciones alimentadas especialmente por mujeres; la imbricación entre artesanía y territorio, en este caso concreto el bordado en su producción doméstica y sus implicaciones para la dinámica socioeconómica y espacial del distrito de Taparuaba, así como para las configuraciones domésticas de las bordadoras. Estas historias también revelan redes de cuidados y prácticas cotidianas, permeadas por desplazamientos físicos y sociales, reflejando una intrincada red de relaciones que son cruciales para una comprensión más profunda de las cuestiones socioespaciales en Brasil, destacando la importancia de reconocer y valorar la diversidad de formas de habitar y construir territorios.

Palabras-clave: mujeres, viviendas, territorios.

os homens haviam se nomeado como zeladores oficiais da história. Além disso, as mulheres jamais tiveram uma tarde ociosa para ficarem ruminando a respeito da história. [...] quem poderia parar para conversar quando havia crianças para cuidar, comida para cozinhar, quartos para varrer e um esposo a ser mantido? (HARTMAN, 2021, p.246).

Célia Xakriabá, no texto *Corpo-território*, relata um diálogo com suas mais velhas no qual buscava detalhes do passado da luta de seu povo pela demarcação de seu território. Perguntando a algumas delas, que testemunharam os períodos de maior tensão, qual era a contribuição das mulheres, elas responderam: “minha filha, a gente quase não contribuía nada não, porque meu marido era liderança, saía nessa labuta e a única coisa que a gente fazia era dar de comer aos filhos, plantar grandes braçadas de roça” (XAKRIABÁ, 2020, p. 88). Célia conta que escutou diversas respostas como essa, até que uma delas atinou: “na verdade, era plantar grande braçada de roça e sustentar a cultura, minha filha, segurar a cultura”.

As mulheres, especialmente as não-brancas, têm sido historicamente “destinadas a ser figuras menores”, recebendo pouco crédito por suas realizações (HARTMAN, 2022, p.13). Essa relação desigual de gênero é contemporaneamente reconhecida como um fato evidente e historicamente produzido (BORGES, 2012). Em larga medida, muitas histórias de luta e resistên-

cia reproduzem a imagem de mulheres congeladas no tempo e no espaço: essas histórias “seguem sendo pensadas, apresentadas e representadas como batalhas de grandes homens, ao passo que as mulheres, tal qual Penélopes, supostamente se mantiveram durante todo o tempo pacientes, em suas casas, ‘esperando’” (BORGES, 2012, p. 210).

Dizem que a história é escrita pelos vencedores: sempre o triunfo do Homem (branco) conquistando continentes, o espaço, a lua, o futuro (LE GUIN, 1986). Na vida cotidiana, no entanto, não existem protagonistas e coadjuvantes, a não ser no modo como escolhemos narrá-las. Na urgência de construir narrativas a partir de mulheres e suas histórias vitais¹ a escritora Ursula Le Guin (1986), baseada na teoria da cesta, de Elizabeth Fisher (1980), propõe o exercício de pensar o texto como um recipiente que guarda a vida, deixando de lado a famosa fórmula narrativa (patriarcal) da “jornada do herói”². A teoria da cesta propõe que o primeiro dispositivo cultural humano não teria sido uma ferramenta cortante de pedra lascada, um protótipo de faca, como aprendemos na escola, mas possivelmente um recipiente: uma cabaça, uma rede ou uma tipoia. Assim, teriam sido nossas habilidades e ferramentas como coletoras que teriam nos mantido vivas e saudáveis para prosperar enquanto espécie (Ibid.).

Esta teoria não advoga por reforçar a oposição entre arma e recipiente enquanto ferramentas úteis, pelo contrário, as autoras coadunam que reforçar isso seria nos fazer crer em uma falsa oposição entre sujeito (masculino), que pratica uma ação, e objeto (feminino), que sofre as consequências da ação. Contar histórias de mulheres, de suas casas e seus territórios enquanto histórias vitais para observar dinâmicas socioespaciais, desafia “a separação estruturalista mais grosseira que divide o mundo social em esferas pública ou privada, em domínios masculino ou feminino, entre sujeitos e objetos”, entre doméstico e político (BORGES, 2012, p. 219).

A partir de um entendimento de que pontos de vista interseccionais não apenas oferecem uma percepção alternativa, mas privilegiada da realidade, as teorias de perspectiva (standpoint theories) desenvolvidas por teóricas do feminismo, a partir dos anos 1970 e 1980, argumentam que a produção situada e corporificada (HARAWAY, 1995) de saberes nos oferece uma compreensão mais complexa das estruturas de poder e das dinâmicas sociais que moldam a vida, revelando questões ocultas ou ignoradas por

¹ Este tem sido um movimento comum às pesquisas elaboradas no grupo de estudos Margear (PPGAU/UFBA), em um desejo visceral de trazer nossas pessoas, em grande parte mulheres, para contarem elas mesmas suas histórias que tantas vezes se enlaçam com as histórias de nossos territórios.

² A jornada do herói, no masculino pois retrata, comumente, o protagonismo de homens, é um padrão narrativo encontrado em mitos, contos e histórias, descrito pelo estudioso Joseph Campbell. Ela segue uma sequência predeterminada de situações-tipo incluindo o chamado à aventura, enfrentamento de desafios, transformação pessoal e o retorno com o conhecimento adquirido para beneficiar seu local de origem.

aqueles em posições de privilégio (HILL COLLINS, 1986; HARDING, 2004).

Neste artigo, fragmentos das histórias de vida de Urçula e Luzia, mãe e filha, respectivamente avó e mãe de uma das autoras, são mobilizados como testemunhos (DAS, 2011) de temporalidades e territorialidades alargadas - desde os anos 1940 à contemporaneidade, do interior dos sertões cearenses a grandes capitais brasileiras como Fortaleza e São Paulo, nas quais fazeres, casas e territórios se entrelaçam, permitindo apreender, por vestígios, diferentes escalas e complexidades de tessituras socioespaciais. Estes são desdobramentos de uma pesquisa de mestrado em arquitetura e urbanismo³, na qual as memórias e o acervo fotográfico familiar foram mobilizados para investigar as relações entre mulheres e suas casas, seus fazeres e sua relação com o território.

³ A dissertação de mestrado em questão é de autoria de Vanessa Alves Cordeiro, realizada no PP-GAU/UFBA, orientada por Thais Troncon Rosa, intitulada *A cabeça pensa que sabe, mas é a mão que alembra o caminho* (CORDEIRO, 2023).

Ao dar atenção às questões socioespaciais a partir das vidas e histórias destas mulheres, podemos perceber os imbricados enlaces entre casa e território, sobretudo ao atentar para a centralidade e elasticidade de “configurações de casas” (MARCELIN, 1999) como condição dessas existências femininas, mesmo em distintos contextos de migração. Se faz possível entrever ainda, nos vestígios de que se fazem essas histórias, redes de cuidado, fazeres e práticas cotidianas, reflexões sobre direito à terra e ao habitar. Com este esforço por puxar alguns fios destes complexos enlaces, cuja apreensão só se dá por meio da memória como forma de conexão entre fragmentos de tempos e espaços, e da narrativa de mulheres como caminho privilegiado para acompanhar os modos como as relações de gênero se fazem ao passo em que fazem territórios, casas e vidas, pretendemos ofertar ao campo dos estudos urbanos algumas referências da diversidade de modos de fazer e habitar casas e territórios Brasil adentro.

território-casa

Taparuaba é a terra do bordado, diz a placa na CE-362 que sinaliza o início da zona urbana do distrito de Sobral⁴ (Figura 01). Ela inteira zune ao som do metal desde manhã cedo até tarde da noite. Com pouco mais de 6.000 habitantes, grande parte da receita da população do distrito é fruto da confecção de peças bordadas, especialmente enxovais para recém-nascidos, colchas de cama e outras miudezas domésticas que são distribuídos em diferentes municípios do Ceará e estados vizinhos (SILVA *et al*, 2019).

⁴ Sobral consta como um dos mais antigos municípios do estado, sendo inicialmente sesmaria que se conformava em torno do rio Acaraú. “O Ceará, com seu espaço quase que totalmente exposto ao regime de semi-aridez, encontrou possibilidades de pecuária extensiva ao longo das margens de seus rios intermitentes.” (PONTES; ALBUQUERQUE; MEDEIROS, 2012, p.12).



Figura 1

Praça no centro de Taperuaba, Sobral - CE

Fonte: Acervo das autoras

Segundo as geógrafas Silva *et al* (2019), há registros do fazer das bordadeiras de Taperuaba pelo menos desde os anos 1950, ao que remonta à história oral, tendo recebido, a partir do fim dos anos 1980, um estímulo de diversas ações do governo do estado para impulsionar um alargamento na escala de produção de fazeres artesanais, como a renda e o bordado, com o intuito de atender à demanda de um novo mercado que foi se formando a partir da expansão do turismo no Ceará. O distrito ganhou ainda mais relevância com este fazer no fim da década de 1990, quando o tombamento do centro histórico de Sobral pelo Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional (IPHAN), em 1999, desencadeou o levantamento também dos bens imateriais e das práticas culturais existentes no município (Ibid.).

Ali no semiárido do noroeste do estado, lá nos anos 1950, Urçula, com oito anos, já apanhava algodão na serra, fiava no fuso e ajudava a fazer os novelos que seriam levados para o tear e transformados em redes por suas irmãs mais velhas. Nesse tempo, na época de colheita do algodão, ela conta, no sertão do Ceará juntava gente de tudo que é canto e não tinha isso das moças ficarem em casa por estarem “nos seus dias”, elas iam sangrando mesmo trabalhar igual aos homens. Como destaca Angela Davis (2016, p.155), “tanto as mulheres da classe trabalhadora quanto as mulheres negras estavam fundamentalmente unidas

⁵ Ao longo do texto, serão utilizados os seguintes critérios gráficos: reprodução de falas ou expressões de Urçula e Luzia no corpo do texto constarão em itálico e entre aspas. Palavras ou expressões das autoras, sem grifo especial e entre aspas simples, indicam destaque, problematização, coloquialidade, suspeita ou ironia.

⁶ Expressão usada por Urçula para descrever uma série de serviços prestados à fazenda que vai de lavar a terra, fazer reparos em cercas, cuidar de vacas leiteiras, construir pequenos açudes, entre outros.

⁷ Somada à ascensão de "cargos" dentro da hierarquia da fazenda, e conseqüente acumulação de animais enquanto bens de valor, o momento decisivo para a acumulação de capital da família foi a mudança de "moradores de condição", alguns anos depois, para a casa de um tio de Urçula que estava vaga enquanto este morava em uma cidade maior da região trabalhando como pedreiro.

⁸ Urçula sempre espacializa suas histórias de infância e juventude a partir do nome de fazendas, que hoje, em grande parte, tornaram-se assentamentos rurais ou distritos, algumas vezes preservando o nome de origem. Pitingão, Carnaubinha, Corrente, Galante, Jurema, muitas são as localidades que ela menciona em suas migrações pela região noroeste do Ceará. Segundo Jucá (2015) foi a pecuária que, como atividade produtiva, atribuiu forma e conteúdo ao território cearense, organizando a maioria dos povoados, que mais tarde transformaram-se em vilas, em torno das casas de fazenda. Para além destas, o Instituto de Pesquisa e Estratégia Econômica do Ceará (PONTES; ALBUQUERQUE; MEDEIROS, 2012) afirma que na formação dos municípios do estado alguns aldeamentos indígenas também foram elevados à categoria de vilas.

⁹ Em todo caso, esses são aspectos de um morar precarizado, não autônomo, que constituem algumas das dimensões do déficit ou inadequação habitacional, condições já amplamente analisadas em diversas pesquisas (ROSA, 2014; FUNDAÇÃO JOÃO PINHEIRO, 1995; RIBEIRO *et al*, 2003; AZEVEDO E ARAÚJO, 2007; NASCIMENTO E BRAGA, 2009). Importante desta-

a seus companheiros pela exploração de classe e pela opressão racista, que não faziam discriminação de sexo".

Urçula vem de uma família mestiça, 'cabocla'⁵. Como aponta Clóvis Jucá (2015), a miscigenação e aculturação entre índios e brancos é fator fundamental para compreender a formação da sociedade cearense. Ela é a do meio de uma família de 15 filhos, a qual alcançou uma lenta ascensão para a classe média quando o pai, que sempre "trabalhou no mato"⁶, passou a ser vaqueiro, já em meados dos anos 1960⁷. César Barreira (1992, p.21) afirma que a figura do vaqueiro era uma das mais prestigiosas entre os funcionários de uma fazenda, já que o pagamento através da partilha do gado "possibilitou que alguns vaqueiros formassem pequenos rebanhos dentro das grandes propriedades". Antes disso, porém, a migração entre diferentes casas e fazendas era a realidade da família de Urçula, assim como de muitas outras famílias sertanejas sem posses. As movimentações aconteciam de acordo com o ciclo das chuvas, nos quais a oferta de postos de trabalho também oscilava.

No Pitingão⁸, zona rural de Uruburetama - CE, onde Urçula nasceu, assim como em todas as casas anteriores, sua família era "moradora de condição". Em uma entrevista, Vanessa pergunta: "*mas aí lá no Pitingão, a casa que seu pai morava era do seu pai mermo?*" Urçula responde: "*era não, morava na casinha dos outros, tinha dinheiro não, sempre foi na casa dos outros*". "Morar de condição" ou "viver de morada" ainda é uma prática comum que encontra arranjos diversos no interior do Brasil. Tem como característica fundamental a cessão de moradia pelo próprio empregador sem custos monetários para o empregado. O custo, no entanto, é muitas vezes a subjugação do segundo ao primeiro, em um acordo tácito moral em que o empregado está sempre em dívida graças à 'generosidade do proprietário'. Tal qual a coabitação forçada ou o morar de favor, este é um tipo de cessão que condiciona qualquer autonomia em relação ao morar. Quando vinculada ao trabalho - e muitas vezes um trabalho 'informal' - ocupa um lugar ainda mais perverso, associando e multiplicando dependências, e remontando a dinâmicas coloniais⁹.

César Barreira (1992), falando dos conflitos sociais no sertão, usa ainda o termo "morador-parceiro", na qual se configurava uma relação de trabalho e dominação, como o autor descreve, onde o trabalhador morava em uma casa cedida pelo "dono da terra", que pagava por seus serviços ou lhe cedendo uma porcenta-

gem da produção, naquela época em torno de 25%, ou entregando em dinheiro o valor correspondente à venda da parte acordada (BARREIRA, 1992). Urçula conta que *"naquele tempo não tinha aluguel! Interior num tinha aluguel não, trabalhava mermo pra..."*, ao que Luzia, sua filha, complementa: *"se plantasse no terreno do proprietário dava uma renda, pagava uma renda né, se cê planta dez litro de feijão, colhe vinte, aí tem a porcentagem né, você tem que dar tanto"*.

Urçula, quando saiu da casa dos pais, recém casada, foi viver de morada em Riacho Verde, fazenda em Uruburetama - CE. Pouco mais de um ano depois ela retornou para perto dos pais, grávida da primeira filha, Luzia, com intuito de ter uma rede de apoio mais próxima. Alguns anos depois, já com quatro filhos, o marido recebeu uma proposta de trabalho, intermediada por uma tia de Urçula, indo morar na Fazenda Carnaubinha, em Santa Quitéria - CE. Lá ela pegava serviços de bordado e costura, naquela época feitos à mão, para complementar a renda do marido que trabalhava no mato, assim como seu pai. Toda vez que ia visitar os pais na fazenda Corrente, também em Santa Quitéria, mas a pelo menos duas horas de distância, que naquele tempo fazia-se a pé ou de bicicleta, ela trazia encomendas, já que, além de mais povoada, Corrente tinha mais conhecidos de sua família. Depois de um tempo em Carnaubinha sua rede também se expandiu, uma vizinha passou a lhe emprestar a máquina à manivela quando os serviços de costura eram muito trabalhosos para fazer à mão.

Como argumenta Isabela Pinho (2019) em diálogo com Eugênia Motta (2014), a partir das trocas cotidianas são tecidos laços, redes e fluxos de dinheiro, objetos e pessoas, constituindo, assim, um arranjo formado pelas relações entre as casas que Marcelin (1999, p.37) conceitua como "configuração de casas". Noção elaborada a partir de pesquisa junto a três bairros periféricos da cidade de Cachoeira, no Recôncavo Baiano, a reflexão do autor nos auxilia a pensar as dinâmicas entre casas (e mulheres) que aparece de forma recorrente nas narrativas de Urçula e Luzia, merecendo citação integral:

"A casa não é somente um bem individual transmissível, uma coisa, um bem familiar, uma ideologia. Ela é uma prática, uma construção estratégica na produção da domesticidade. Ela também não é uma entidade isolada, voltada para si mesma. A casa só existe no contexto de uma rede de unidades domésticas. Ela é pensada e vivida em inter-relação com as outras casas que participam de sua construção — no sentido simbólico e concreto. Ela faz parte de uma configuração. [...] A configuração de casas não se refere a

car que, mesmo contemporaneamente, práticas de 'cessão' da casa por empregadores ainda são recorrentes, como no caso de uma das trajetórias investigadas em Rosa (2014), na qual Marielen, após uma vida "morando de favor", encontra "sossego" em uma "casa cedida" por sua "patroa", para quem trabalhava como doméstica, configurando uma sutil relação de "obrigação" entre elas, uma espécie de dívida perene, que se perpetuaria, mesmo após a mudança da patroa para outra cidade.

um conjunto imediatamente localizável. Ela não corresponde ao conceito de 'família extensa'. Trata-se de uma conceitualização, por meio da categoria cultural 'casa', de processos relacionais entre agentes familiares originários de várias casas. Uma configuração não se revela ao pesquisador de um momento para o outro; nesse sentido ela não tem seus fundamentos em valores exclusivamente holísticos. Da mesma maneira que a casa cria em si mecanismos de regulação do individualismo de seus agentes, expressos em seu espaço interior que organiza o comunitário e o individual, a configuração de casas dá conta de um espaço cujas fronteiras são paradoxalmente confusas (do ponto de vista do observador) e nítidas (do ponto de vista dos agentes), no qual se dá um processo contínuo de criação e recriação de laços de cooperação e de troca entre entidades autônomas (as casas)."

Em sua etnografia das "casas de mulher" no bairro Eduardo Abdelnur, em São Carlos - SP, Isabela Pinho (2019, p.18) defende que "'casa de mulher' só existe em relação, em 'configuração' [...] E são as circulações de objetos, alimentos, dinheiros; cuidados, crianças, pessoas e violências que exemplificam tais trocas e que sustentam a 'configuração' de 'casa de mulher'". Estas configurações não são estáveis e se elaboram a partir de interdependências, cooperações, solidariedades e afetos, assim como moralidades, assimetrias e conflitos. Como também pontua Isabela (2019, p.17), são as mulheres "as principais agentes na gestão deste universo social das casas" sendo "responsáveis por colocar em movimento grande parte dos circuitos e trocas". Ela ressalta, no entanto, que a casa não é vista de forma dicotômica em oposição a um suposto espaço público, mas que casa e território se tecem mutuamente através das práticas cotidianas que alimentam, por exemplo, a economia, como uma das facetas da vida. Esta ligação mostra-se bastante evidente nas histórias de vida de Urçula e Luzia.

Silva *et al* (2019) afirmam que a prática do bordado historicamente funcionou como "complementação" da renda agrícola no interior do Ceará, mas que Tapeuba atualmente se destaca como uma exceção entre os 13 distritos que compõem o município de Sobral, sendo um dos únicos que não tem a agricultura de subsistência e programas de assistência social, como Bolsa Família, como base de sustento de maior parte de sua população¹⁰. As autoras reforçam ainda a relação desta característica com as taxas de emigração abaixo da média de muitos outros distritos cearenses (SILVA *et al*, 2019).

¹⁰ O distrito que faz par com Tapeuba nessa exceção chama-se Aprazível e é conhecido pela feira semanal que atrai comerciantes de toda a região oferecendo diversos produtos para revenda a preço de atacado, principalmente confecções.

Há gerações, portanto, é o algodão, a linha, os tecidos, e a artesanaria de juntar tudo isso nos serviços de tear, costura, bordado e tantos outros fazeres, que

têm garantido para muitas mulheres, mesmo que por um trisco, um mínimo de autonomia para dar o rumo de suas vidas. No caso de Urçula, essa dinâmica ganha outros contornos quando, ainda em Carnaubinha, perde o marido aos 36 anos. Antônio tinha 32 quando se afogou na barragem que ele mesmo trabalhou para construir na fazenda, em uma história comum Brasil adentro, mas quase sempre apagada das narrativas desenvolvimentistas. No mesmo dia, o pai de Urçula mandou buscar ela, grávida, e seus cinco filhos para viverem em Corrente. Lá passou pouco tempo, era gente demais para uma casa só, em seguida mudando-se para uma segunda casa que estes tinham acabado de construir, há mais ou menos uma légua de distância, na mesma vereda.

Novamente, a configuração de casas à qual Urçula pertence age para ampará-la enquanto rede (Figura 02). Não cabe, no entanto, romantizar este suporte; como dito, esses fluxos são cercados de moralidades, obrigações e conflitos. Sobre essa época, na qual Luzia ainda era uma criança, ela pondera: *"o vovô, grazadeus, com toda a ruindade, ainda ajudou foi muito a gente, porque se num fosse ele, a gente tava ferrado"*, e conta que nada vinha daquela casa de graça: *"ele tinha vaca, tinha carneiro, mas era assim 'quer os fato¹¹? pois venha aqui tratar o bicho!'"*.

Nos trânsitos entre as diversas casas que habitou, Urçula e sua família refaziam suas redes de interdependência a cada nova movimentação, especialmente entre as mulheres, que faziam circular os produtos da costura, bordado e tecelagem suprindo o parco acesso a produtos de vestuário manufaturados nos rincões do Brasil àquela época; dividiam a atenção e cuidado com as crianças dos diferentes núcleos familiares entre as casas e as sombras das oiticicas; se organizavam em grupos, oferecendo companhia e gerando uma maior percepção de segurança, para lavar e quorar roupas ou arear panelas nos riachos e areais próximos ou buscar água potável nos poços e cacimbões, entre outras atividades de manutenção da vida cotidiana.

Enquanto ainda morava com os pais, até os 25 anos, Urçula transitou por pelo menos seis fazendas diferentes: Pitingão, Jurema, Pão de Açúcar, Barra do Garrote, Corrente e Papagaio. Na maioria delas as movimentações se deram entre casas cedidas pelos proprietários de terras para os quais trabalhavam, porém, quando adolescente, ela também chegou a morar por alguns meses com uma tia para que fosse alfabetizada, assim como a derradeira casa ocupada antes dos pais concluírem sua casa própria, foi a casa de um tio de

¹¹ O "fato" do boi, também conhecido como bucho, é um pedaço do estômago, considerado também uma das partes menos nobres da carne do animal.

Urçula que tinha ido morar em uma cidade maior em busca de melhores oportunidades de trabalho como pedreiro. Depois de constituir seu próprio núcleo familiar, transitou por pelo menos mais quatro casas entre Riacho Verde, Carnaubinha e Papagaio, além de três casas na zona urbana de Taparuaba. Nestes últimos trânsitos, a partir de sua viuvez, morou em casas que eram de propriedade de seus pais até conseguir construir sua primeira casa própria.

A respeito das redes de solidariedade e interdependência, Urçula narra diferentes episódios no decorrer da vida em que a configuração de casas se mostra presente como intermédio entre casa e território. Quando se muda para a cidade em sua primeira casa própria, esta ainda não estava finalizada, e é um vizinho que fornece energia através de um "bico de luz", como ela descreve, nos primeiros meses de ocupação. Assim como quando o fluxo de pessoas, bens e dinheiro en-



Figura 2
Urçula, sobrinho, dois de seus filhos e o cachorro em uma das casas cedidas por seus pais
Fonte: Acervo pessoal de Urçula

tre sua casa e a casa dos filhos e netos se mostra tão intenso ao ponto de configurar uma dependência entre casas, na qual o “dinheiro da casa” (MOTTA, 2016) extrapola os contornos físicos de sua casa englobando outras. Outros vestígios, acionados pelas memórias de Urçula e Luzia, auxiliam na apreensão mais detida de uma economia cotidiana e suas dimensões em relação à gênero e à configuração de casas, e serão desdobrados adiante.



Figura 3
Urçula e sua máquina de costura em 1988
Fonte: Acervo pessoal de Urçula

casa-território

Quando passou a receber pensão do INSS pela morte do marido, e com o pagamento retroativo dos oito meses que se passaram até que ela conseguisse seus direitos, Urçula comprou sua primeira máquina de costura com pedal (Figura 03). Com ela fazia serviços de conserto e confecção, que junto à pensão era suficiente para manter a família, já que não pagavam aluguel. Luzia, a filha mais velha, conta que aprendeu a costurar nessa máquina, ainda com 10 anos de idade, escondida da mãe, que a proibia de chegar perto dela, alegando que era muito perigosa. Luzia brinca que a mãe provavelmente tinha medo dela esculhambar a máquina, que devia ser, pelo certo, o bem mais valioso da casa.

Já adolescente, Luzia fazia as próprias roupas e costurava, vez ou outra, para fora, às vezes ajudando com as contas de casa, às vezes poupando dinheiro.

Quando completou 15 anos botou na cabeça que ia morar com a avó paterna em Fortaleza - CE. Já havia 5 anos que ela tinha perdido o pai e sentia falta de uma relação mais próxima com a família dele. Luzia tinha também uma curiosidade pela capital, o desejo de morar em uma cidade grande. Então uma irmã de seu pai, que também morava em Fortaleza, lhe fez uma proposta: a mulher tinha uma filha pequena com paralisia cerebral e se Luzia fosse morar com elas, e ficasse responsável pelo cuidado da menina e da casa, pagaria a mensalidade da escola particular do bairro, Antônio Bezerra, já nos limites do município.

Ela aceitou a proposta. Luzia conta que, durante os dois anos em que morou em Fortaleza, foi apenas duas vezes ver o mar: uma vez na Praia do Sol, outra na Praia do Futuro. O acordo com a tia durou um ano, já no seguinte, lhe disseram que o gasto estava insustentável e a transferiram para uma escola pública, enquanto ela seguia fazendo o mesmo trabalho de antes.

"num tinha direito de ficar... ficar assim assistindo televisão sem.. (risos) tinha que tá sempre fazendo coisa. Se eu num tivesse pegano na minina, tava lavano a louça, tava lavano as roupa...[...] tava lá pra estudar e... aí pra mim fazer os dever tinha que fazer de noite, no horário que a menina tava [dormindo]".

Ela ficou na casa da tia até 1987, voltando para Ta-peruaba antes do fim do ano letivo, sem terminar a quinta série. Alguns anos depois, apareceu por lá uma mulher que vinha de São Paulo buscando uma 'dama de companhia' para cuidar de sua mãe já idosa: "eu quero uma pessoa do norte que queira uma coisa séria porque esse pessoal da cidade hoje em dia não quer nada com nada", conta Luzia arremedando-a. A mulher tinha ido ao Ceará de combinado já feito com uma tia de Urçula, que morava em São Paulo há muitos anos, e levaria uma prima dela, só que na última hora a mãe da menina se arrependeu e desfez o acordo. Sabendo da conversa, Luzia de pronto se dispôs a ir no lugar da prima e fez as malas para São Paulo.

Já fazia quase um ano que ela se correspondia por carta com um rapaz dali que ela conhecia desde criança e que há alguns anos estava trabalhando em São Paulo. Urçula já sabia que não adiantava dizer não, então deixou a menina ir, mesmo sendo menor de idade. Lá chegando, no bairro Jaçanã, não demorou muito, coisa de duas semanas, a senhora que Luzia cuidava faleceu. "Aí a tia[-avó] Alcídia falou assim 'É, tu já tá aqui, veio pra trabalhar, então se tu quiser trabalhar pode vir aqui pra casa, mas pra trabalhar! Já

tô dizendo pra você se arrumar, porque aqui em São Paulo todo mundo trabalha!”. Ela conseguiu trabalho para Luzia em uma oficina de costura na mesma rua em que moravam.

“tinha uma senhora que era do nordeste, chamava nortista, ‘tu é nortista? Eu também sou nortista, vou te dar uma oportunidade!’ [...] E aí a primeira vez eu fiz o teste, né? Porque eu nunca tinha pego numa máquina de costura industrial [...] então o primeiro teste era montar uma peça, né? E eu consegui, demorei muuuuito, mas eu consegui [...] acho que era uma saia, uma coisa que tinha que pregar um zíper. Eu sei que eu tive dificuldade porque a bicha era... A máquina, nunca tinha pego uma máquina daquela. Mas aí ela também teve paciência, sabia que eu também precisava”

As ponderações de Luzia - de que a mulher teria lhe dedicado mais paciência porque era conhecida de sua tia-avó e sabia que ela precisava do trabalho - reforçam a existência da mencionada rede de solidariedade entre casas e mulheres, e aponta também para uma possível capilarização desta, evidenciando uma escala que se amplia em direção à uma configuração de territorialidades, tendo as casas como pontos de atração e irradiação, marcas de geografias complexas em que as amarras e os cortes nessas teias de relações são feitos (SIMONE, 2019): a identificação entre elas se dá por serem “conterrâneas”, nordestinas e nortistas, na periferia de uma grande cidade do sudeste brasileiro. Periferias que, como se sabe, são majoritariamente compostas por migrantes. Cynthia Sarti (1994, p.21) reafirma este dado em sua tese, descrevendo o bairro no qual desenvolveu sua pesquisa de campo na periferia de São Paulo, exatamente nos anos 1990: “Como a maior parte dos pobres que vivem hoje em São Paulo, a população adulta do bairro é, em sua maioria, migrante, sobretudo nordestina. Quanto mais aumenta a idade, maior a probabilidade de que o morador seja migrante.” Evidencia-se, nessas condições, uma concepção alargada e relacional de casa, “espaço moral” que “pode se estender por metros ou quilômetros” (DUARTE; GOMES, 2008, p. 170), dando a ver modos de habitar que interconectam territórios geográfica e culturalmente distantes, como São Paulo e Tapuruaba, estendendo as íntimas imbricações entre casa, família, vizinhança e localidade - tidas por diversos autores como aspecto central nas dinâmicas de “manutenção e reprodução da família popular” (idem, p. 169) - através destas conexões entre casas e mulheres, mesmo quando deslocadas de seu território de origem (ROSA, 2014).

Assim que chegou a São Paulo, Luzia também estreitou o contato com seu conterrâneo, que logo tornou-se

namorado. Não demorou muito, seis meses de longas idas e vindas no sistema de transportes públicos entre zona norte e zona sul da capital paulista - uma linha de ônibus, uma de metrô e outra de ônibus, de "ponta a ponta" em cada uma delas - e ficaram noivos. Ela conta que com o dinheiro da costura começou a comprar umas "coisinhas" para o seu enxoval de casamento, enquanto o noivo, com o dinheiro das horas extras de trabalho, terminava de construir a quitinete na laje do irmão, onde iriam morar, no Parque Residencial dos Lagos, zona Sul de São Paulo.

A respeito de casas e economia cotidiana, o trabalho de Eugênia Motta (2016) nos ajuda a perceber essa separação dos diferentes fluxos do dinheiro nas dinâmicas de gênero dentro de famílias cishétero. Eugênia, especialmente através de uma perspectiva que não é a da economia formal, observa que o dinheiro tem fluxos específicos. Um deles é o "dinheiro da casa", que seria direcionado para as despesas fixas, como aluguel, contas de consumo, supermercado do mês, etc, ou seja, "o dinheiro da casa é usado para sustentar a vida daqueles que a ela pertencem" sendo que "os usos e as interdições de uso são cercados de moralidades" (MOTTA, 2016, p.199). Com efeito, Urçula conta que, quando ela ainda era moça, sua mãe comprou uma máquina à manivela e ela e as irmãs costuravam "pra fora", para o povo do Corrente e do Galante, fazendas vizinhas. Com o dinheiro da costura elas compravam perfumes, pó de arroz e fazendas de tecido para costurar vestidos novos para si, já que o pai delas se negava a dar "dinheiro da casa" para isso.

Eugênia Motta reflete que essa separação dos diferentes fluxos do dinheiro acontece através das formas de recebê-lo e gastá-lo. Geralmente, na configuração de casal cishétero, como é o caso das famílias que trazemos aqui, o dinheiro da casa está atrelado ao salário ou rendimento do "provedor", o homem. Assim, qualquer renda extra capitalizada pelas mulheres se configuraria como um "dinheiro de mulher" (MOTTA, 2016), tanto pelos meios pelos quais é obtido, como pelos itens com que ele é gasto. No caso dos exemplos que a autora traz, esses itens são produtos da Natura ou Avon; no caso de Urçula ela menciona, quando moça, cosméticos e roupas; de Luzia, também roupas para ela, além de utensílios de cozinha de menor valor, todos considerados "coisas de mulher". As fotos dos álbuns de família reiteram essa relação. Em um par delas, o noivo e Luzia, no mesmo ano, exibem cada um "suas novas conquistas" de recém casados: ele na fachada da quitinete sobre a laje do irmão (Figura 04); ela dentro da cozinha da nova casa (Figura 05).

Em um dos diálogos, ao ser perguntada se ela gostava da quitinete em São Paulo, Luzia responde: "*gostava porque era minha*". Ela tinha apenas 19 anos quando se casou e passou a ser de fato "dona de casa", e fala que nesse tempo, de certo modo, se sentia "brincando de casinha". Depois de ter sido responsável pelo cuidado de outras pessoas e outras casas, depois de ter morado "de favor" e em casas onde seu lugar era o de empregada, ter sua própria casa e poder "fazer as coisas do seu jeito" representava para ela de fato uma conquista. Com pouco mais de um ano de casada veio a primeira filha e, assim, passou a trabalhar em casa, realizando ajustes e consertos para a vizinhança. Nesse ponto, também reforça, em certa medida, o entendimento de configuração de casas. Luzia



Figuras 4 e 5

Noivo de Luzia na parte externa da quitinete em São Paulo, recém concluída; Luzia na cozinha da quitinete com seus pais ou menos 20 anos

Fonte: Acervo pessoal de Luzia

conta que muitas vezes compartilhava responsabilidades com sua concunhada, assim como os serviços de costura vinham das indicações desta, que já tinha uma rede de relações bem estabelecidas no bairro. A casa construída sobre a laje do casal irmão trouxe uma dimensão de interdependência não apenas física

da edificação, como na estrutura cotidiana do cuidado com as crianças e realização de outras atividades domésticas.

Nos circuitos do “dinheiro de mulher” são elas as protagonistas, as que botam em movimento grande parte do que se produz, se compra ou se vende (MOTTA, 2016). Eugênia Motta conta que suas interlocutoras lembram do período em que vendiam seus produtos como o tempo em que elas andavam mais arrumadas, porque tinham dinheiro para gastar livremente com coisas para elas. Em diálogo com Zelizer (1994), Eugênia (Ibid., p. 205) sinaliza que: “o uso do dinheiro envolve separação e marcações, obrigações e restrições, que afastam a moeda de sua característica supostamente homogeneizadora”.

Para Urçula, enquanto mulher viúva que *“nunca tornou a botar homem dentro de casa”*, como ela diz, a construção da relação entre casas, território e dinheiro se dá de maneira diferente. Quando passa a ser a única gestora do “dinheiro da casa”, suas decisões não precisam mais ser respaldadas ou passar pelo crivo de um companheiro. Em movimentações futuras, que pela brevidade deste texto não cabe adentrar¹¹, é ela quem decide pela venda de uma casa para a compra de outra, ou pelo direcionamento mensal de parte do dinheiro de seu aposento para ajudar uma neta a completar sua formação profissional depois que esta se divorcia do marido. Suas casas e seu dinheiro são inteiramente seus, como ela mesma reforça ao falar da primeira casa própria, construída já nos anos 1990.

“A casa do bairro eu comecei desde o chão... do começo do chão! Comprei o chão aí fui construindo aos pouco [...] comprei com meu dinheiro! minhas coisa, aos pouquim véi... dos tempo que eu fazia bordado, eu comprei até do Tevaldo [...] bordava era muito, era roupinha de recém-nascido, era colcha, era num sei o quê lá, era um bocado de coisa, bordava muito era na mão, a maior parte era na mão, eu só pagava pra bordar na máquina, aí eu engomava, recortava tudim aqueles feston... eu dava pro Tevaldo vender! aí eu comprei os terreno dele foi pagando com bordado!”.

Vanessa: aí era? você pagou seu terreno todo com bordado? cê num deu um centavo pra ele?

Urçula: “Foi, paguei com bordado mermo (risos)”

Vanessa: cê demorou quantos ano bordando pra conseguir terminar de pagar essa casa?

Urçula: “sei lá quantos foi (risos) foi um tempim...”

fazer-território

A respeito da relação da casa com o fazer manual, tratando da cultura do bordado em Taperuaba, Silva *et al* (2019) afirmam, a partir de conversas com as bordadeiras, que trabalhar dentro de casa proporcionava a elas maior sensação de segurança na criação dos filhos, não só em relação a sua presença dentro de casa, como no suprimento de necessidades básicas como a compra de itens de limpeza e higiene. Neste formato doméstico, a costura, o bordado e demais serviços complementares são tradicionalmente fazeres femininos, enquanto a distribuição das peças desde centros urbanos maiores como Sobral e Fortaleza estariam principalmente a cargo dos homens. Não que a produção e escoamento sejam completamente compartimentalizadas por gênero. No transcorrer das décadas os homens passaram a ampliar sua participação em tarefas para além do transporte e comercialização, mesmo que usualmente tarefas secundárias. Eles também fazem o corte do tecido, especialmente quando é necessário manejar maquinário para realizar o enfesto¹²; fixam nos bastidores¹³ as peças a serem bordadas; arrematam, cortando os fios soltos; dobram e empacotam as peças prontas; entre outras atividades. Porém, em grande parte, a organização e distribuição das tarefas dentro das facções¹⁴ ainda seguem majoritariamente coordenadas por mulheres não-brancas, em sua maioria.

Ao longo dos anos, as transformações das dinâmicas comerciais e das tecnologias, em diferentes escalas, têm influenciado a cultura local, modificando as práticas e os fazeres. Das técnicas à mão às máquinas cada vez mais modernas - à manivela, de pedal, elétrica, eletrônica e digital -, o "fazer bordado tem se alterado à medida que se insere uma lógica mais mercadológica nessas comunidades, impondo ritmo mais acelerado à realização da produção" (SILVA *et al*, 2019, p.24). Nas confecções de maior porte do distrito, por exemplo, já se pratica há alguns anos o bordado computadorizado. E a partir da agregação destas novas tecnologias, os homens têm cada vez mais tomado a frente desses fazeres como tarefa mais mecânica. Essas mudanças afetam não apenas as mulheres, mas os modos de habitar e a relação com o território. As mudanças não se dão somente nos modos de produção, mas também no alcance da venda dos produtos, assim como nas relações de distribuição. Silva *et al* (Ibid., p.34) apontam que a distribuição da produção em uma escala ampliada, que hoje ultrapassa as fronteiras do estado, denota que "as conexões geográficas

¹² No jargão da confecção de vestuário, o enfesto é a estratégia de sobrepor camadas de tecido para que sejam cortadas de forma simultânea com maquinário específico, otimizando tempo de produção.

¹³ O bastidor é composto por duas molduras que prendem o tecido mantendo-o bem tensionado proporcionando maior firmeza no ponto do bordado e auxiliando no alinhamento do desenho.

¹⁴ Chama-se 'confecção' uma empresa que transforma diferentes matérias-primas em uma peça de vestuário. Já a 'facção' é uma empresa que terceiriza processos para uma confecção, executando geralmente tarefas específicas como risagem, corte, costura, acabamento, etc.

dos lugares não obedecem a lógicas hierárquicas da rede urbana tradicional”.

Mais do que o maquinário, que vai se tornando obsoleto com o passar das décadas, a herança que segue a cada geração é o saber-fazer, transmitido entre mulheres, em suas próprias casas. Apesar das aceleradas transformações, o formato de produção que predomina no distrito ainda é o doméstico. Apesar da presença de confecções de médio porte, boa parte da produção fica a cargo das diversas facções difusas no território do distrito. As facções domésticas costumam ter, no máximo, de quatro a cinco máquinas de costura industriais que variam entre overloque, reta e bordado. Em geral, as máquinas ficam na sala ou em cômodos que possuem entrada independente da casa, diferenciando a circulação privada da pública, caso alguém que não é do convívio íntimo da família frequente o espaço, em uma tentativa de preservar a privacidade da “casa-oficina”.

Aqui a casa se mostra diferente do espaço doméstico convencional no imaginário coletivo, desobedecendo os limites e separações duais moderno coloniais de tempo e espaço que dividem o mundo entre público e privado. Tal qual as anfitriãs de Antonádia Borges (2012, p.218), estas mulheres experimentam “em suas casas formas de vida não ‘domésticas’ no sentido ordinário do termo. E, mais, não são em absoluto uma exceção”. Nesses contextos,

“as casas não se tratam de espaços privados, exclusivos, e conseqüentemente separados do espaço público – este, sim, ‘comum’, tanto no sentido de pertencer a todos (ou quase todos), como de ser regido por regras mais ou menos compartilhadas que tornam o convívio entre estranhos viável (Ibid., p.217)”.

Nas relações de trabalho cada vez mais precarizadas, porém, as costureiras “autônomas” engolem todas as horas de seus dias transformando tudo em tempo produtivo, chegando a jornadas de até 18 horas de trabalho. Sofrem com doenças ocupacionais, enquanto muitas alimentam a ilusão de que quanto mais trabalham, mais ganham, se confortando com a ‘flexibilidade’ de serem suas próprias chefes. Essa autonomia, como sabido, é bem relativa. Essas são condições de trabalho que possibilitam, sim, muitos modos de vida que não os regidos pela compartimentalização do tempo e dos espaços da vida, mas a tênue e progressiva dissolução de fronteiras entre casa e trabalho, nessas condições de precarização, vêm quase sempre às custas da exploração de pessoas, que viram mão-de-obra

barata, sem receber sequer o justo pelo seu tempo de trabalho, que dirá o lucro obtido na comercialização dos produtos que elas põem no mundo.

O entusiasmo das mulheres pela possibilidade de trabalhar em casa e, ao menos no imaginário, poderem gerir seu próprio tempo (e dinheiro), se relaciona com a já mencionada questão do “dinheiro de mulher” e, de um jeito perverso, não deixa de ser um recurso na tentativa de não somarem dados à feminização da pobreza (ou quiçá, seria já sua própria materialização, em outros termos). Estas casas-oficina/facções domésticas, assim como o “viver de morada”, abrigam um modo de morar também vinculado ao trabalho, ao mesmo tempo em que se diferenciam deste por se estruturar sobre o suporte material de uma “casa própria”, como as conquistadas por Urçula e Luzia.

Nestes termos, importa mencionar aqui o esforço de Urçula em construir, também com seu “dinheiro de mulher”, uma casa para cada filha e filho, espécie de herança que, mais do que aportar um sentido meramente econômico do bem material em si, representa a própria possibilidade de perpetuação geracional, inclusive pelo saber-fazer que se transmuta em possibilidade de trabalho remunerado também nestes espaços domésticos. Podemos entrever, aqui, a miríade de dimensões simbólicas implicadas na consecução de uma casa própria, à qual se associam concepções sociais e morais de família, parentesco, redes de relações, e formas de sustentar a vida, que não se restringem nem à sua dimensão ideológica; ou à concepção de bastião da sobrevivência familiar diante das dificuldades financeiras, incertezas em termos de trabalho ou incompletude dos sistemas de proteção social; nem apenas como forma de realização (e/ou demonstração) de ascensão social. Estas casas-oficina/facções domésticas embaralham todas essas dimensões, alinhavadas ainda pelos afetos que configuram este saber-fazer da costura e por uma economia moral que acompanha estas dinâmicas de trabalho que se ancoram nestas casas, mas que amplificam as dimensões territoriais anteriormente refletidas em torno da configuração de casas, conformando novas - e complexas - territorialidades forjadas por mulheres.

dos fazeres às histórias espaciais

Esta breve incursão nas histórias de vida de Urçula e Luzia aponta caminhos e pistas para que a produção de conhecimento no campo da arquitetura e do urbanismo se beneficie de reflexões ancoradas na diversidade de relações socioespaciais que configuram

dinâmicas entre casas e territórios Brasil adentro, a partir da perspectiva de mulheres e suas histórias. A oposição e cisão entre público e privado, doméstico e político, ficção ora desmascarada (DAVIS, 2016; BIROLI, 2014; BORGES, 2012; para citar algumas), se dissolve na tessitura das relações que as mulheres firmam no cotidiano a partir de suas casas e territórios, emaranhando economia, cultura, cuidado, produção e reprodução, se assim quisermos nomear algumas destas dimensões.

As experiências socioespaciais de Urçula e Luzia, que não são individuais ou excepcionais, mas compartilhadas e corriqueiras, se mostram atravessadas pelas redes de relações que se estabelecem ao longo do tempo e do espaço em seus deslocamentos, físicos e sociais (ROSA, 2019). Evidenciam como casa e território se fazem simultaneamente, e perceber estes processos como genericados é uma das contribuições que estas histórias de mulheres podem aportar ao campo da arquitetura e do urbanismo. Por um lado, dão a ver o enlace entre diferentes casas na constituição de “configurações de casas” que funcionam em redes de relações alimentadas especialmente por mulheres, e que podem ser tão elásticas ao ponto de, mesmo quando longe de seus territórios de origem, se reconstituem dentro dos possíveis. Por outro, também oferecem pistas para apreendermos a imbricação entre os fazeres e o território (tendo, uma vez mais, a casa como ancoragem): neste caso específico, do bordado em sua produção doméstica e suas implicações na dinâmica socioeconômica e espacial do distrito de Taperuaba, assim como nas configurações, físicas e relacionais, de casas das mulheres bordadeiras.

Entre redes de cuidado, fazeres, práticas cotidianas e múltiplos habitares, as histórias de Urçula e Luzia, com a dimensão ordinária daquilo que possibilita a manutenção da vida, distantes de grandes feitos e enunciações, foram aqui tomadas, seguindo trilhas que vêm sendo abertas nas margens dos estudos urbanos, como elementos vitais para a percepção da complexidade das questões socioespaciais no Brasil. Na casa, como recipiente que guarda a vida, cabem muitos mundos. Que possamos, em um esforço coletivo, dedicar atenção à diversidade de modos de habitar e fazer territórios Brasil adentro, adensando e conferindo nuances às percepções desses tantos modos, historicamente tão achatados pelas narrativas mestras (BORGES, 2012). São muitos os fios que seguem aguardando novos enlaces.

Referências

AZEVEDO, Sérgio de; ARAÚJO, Maria Bernadette. Questões metodológicas sobre o 'déficit habitacional': o perigo de abordagens corporativas. *Cadernos MetrÓpole*, n.17, 2007, p. 241-255.

BARREIRA, César. *Trilhas e atalhos do poder: conflitos sociais no sertão*. Rio de Janeiro: Rio Fundo Editora, 1992.

BIROLI, Flávia. O público e o privado. In: BIROLI, Flávia; MIGUEL, Luís Felipe. *Feminismo e política: uma introdução*. São Paulo: Boitempo Editorial, 2014.

BORGES, Antonádia. *Mulheres e suas casas: reflexões etnográficas a partir do Brasil e da África do Sul*. *Cadernos Pagu*, n.40, 2013, p.197-227.

CORDEIRO, Vanessa Alves. *A cabeça pensa que sabe, mas é a mão que alembra o caminho*. 2023. 140 p. Dissertação (Mestrado em Arquitetura e Urbanismo) Programa de Pós-Graduação em Arquitetura e Urbanismo, Universidade Federal da Bahia, Salvador, 2023.

DAVIS, Angela. *Mulheres, raça e classe*. São Paulo: Boitempo, 2016.

DAS, Veena. O ato de testemunhar: violência, gênero e subjetividade. *Cadernos Pagu*, n.37, 2011, p. 9-41. <https://doi.org/10.1590/S0104-83332011000200002>.

DUARTE, Luiz Fernando Dias; GOMES, Edlaine de Campos. *Três famílias: identidades e trajetórias transgeracionais nas classes populares*. 1.ed. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2008.

FISHER, Elizabeth. Carrier Bag Theory. In: _____. *Women's Creation: sexual evolution and the shaping of society*. New York: McGraw-Hill Book Co, 1980.

FUNDAÇÃO JOÃO PINHEIRO. Centro de Estudos Políticos e Sociais. *Déficit habitacional no Brasil*. Convênio PNUD/Secretaria de Política Urbana, Ministério do Planejamento, Belo Horizonte, 1995.

HARAWAY, Donna. Saberes localizados: a questão da ciência para o feminismo e o privilégio da perspectiva parcial. *Cadernos Pagu*, 1995, 5, p. 07-41.

HARDING, Sandra (ed.). *The feminist standpoint theory reader: intellectual and political controversies*. New York: Routledge, 2004.

HARTMAN, Saidiya. *Perder a mãe: uma jornada pela rota atlântica da escravidão*. Tradução José Luiz Pereira da Costa. Rio de Janeiro: Bazar do Tempo, 2021.

HARTMAN, Saidiya. *Vidas rebeldes, belos experimentos: histórias íntimas de meninas negras desordeiras, mulheres encrenqueiras e queers radicais*. Tradução Floresta. São Paulo: Fósforo, 2022.

HILL COLLINS, Patricia. Learning from the Outsider Within: The Sociological Significance of Black Feminist Thought. *Social Problems*, v. 33, n. 6, 1986, p. 14-32.

JUCÁ, Clovis. A casa de fazenda do umbuzeiro: o único testemunho setecentista da conquista do sertão cearense. *SEMINÁRIO IBERO-AMERICANO ARQUITETURA E DOCUMENTAÇÃO*, 4., 2015, Belo Horizonte. Disponível em: https://repositorio.ufc.br/bitstream/riufc/22950/1/2015_eve_crjucaneto.pdf. Acesso em: 20 fev. 2024.

LE GUIN, Ursula. *Dancing at the Edge of the World: Thoughts on Words, Women, Places*. New York: Ed. Grove Press, 1986.

MARCELIN, Louis. A linguagem da casa entre os negros do Recôncavo Baiano. *Mana*, Rio de Janeiro, n. 2, v. 5, p. 31-60, 1999. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/mana/a/kghr3xv9tC5yvVyBSTkTPLc/>. Acesso em: 20 jun. 2022.

MOTTA, Eugênia. Casas e economia cotidiana. In: RODRIGUES, Rute Imanishi (org). *Vida social e política nas favelas: pesquisas de campo no Complexo do Alemão*. Rio de Janeiro: Ipea, 2016. p. 197-214.

NASCIMENTO, Denise Morado; BRAGA, Carvalho de Queiroz. Déficit habitacional: um problema a ser resolvido ou uma lição a ser aprendida? *Risco*, São Carlos, n.9, 2009. p.98-109.

PINHO, Isabela Vianna. *Casa de mulher: os circuitos cotidianos de cuidado, dinheiro e violência em São Carlos/SP*. 2019. 201 f. Dissertação (Mestrado em Sociologia) Programa de Pós-graduação em Sociologia, Universidade Federal de São Carlos, São Carlos, 2019. Disponível em: <https://repositorio.ufscar.br/handle/ufscar/11734>. Acesso em: 11 abr. 2021.

PONTES, Lana Mary Veloso de; ALBUQUERQUE, Emanuel Lindemberg Silva; MEDEIROS, Cleyber Nascimento de. *A questão dos limites municipais do Estado do Ceará*. Fortaleza: IPECE, 2012. Disponível em: https://www.ipece.ce.gov.br/wp-content/uploads/sites/45/2015/02/QUESTAO_LIMITES_MUNICIPAIS_CEARA.pdf. Acesso em: 28 mar. 2024.

RIBEIRO, Luiz César de Queiroz; CARDOSO, Adauto Lúcio; LAGO, Luciana Corrêa do. *Necessidades habitacionais*. Déficit habitacional e inadequação habitacional. Relatório do Observatório de Políticas Urbanas e Gestão Municipal, IPPUR/UFRJ/FASE, 2003. Disponível em: www.observatoriodasmetroplites.ufrj.br. Acesso em: 19 jul. 2014.

ROSA, Thais Troncon. O fazer-cidade entre deslocamentos e vizinhanças: reflexões baseadas nas trajetórias urbanas de mulheres em busca de moradia no estado de São Paulo. *Contemporânea*, São Carlos, v. 9, n. 3. p. 723-744. Set/ dez. 2019. Dossiê Trajetória, trabalho e gênero. Disponível em: <https://www.contemporanea.ufscar.br/index.php/contemporanea/article/view/789/pdf>. Acesso em: 17 set. 2022.

ROSA, Thais Troncon. *Cidades outras: pobreza, moradia e mediações em trajetórias urbanas liminares*. 2014. 391f. Tese (Doutorado em Arquitetura e Urbanismo) - Programa de Pós-Graduação em Arquitetura e Urbanismo, Instituto de Arquitetura e Urbanismo, Universidade de São Paulo, São Carlos, 2014.

SARTI, Cynthia Andersen. *A família como espelho: um estudo sobre a moral dos pobres na periferia de São Paulo*. 1994. 215f. Tese (Doutorado em Antropologia) - Departamento de Antropologia, Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, São Paulo, 1994.

SILVA, Maria do Socorro Sousa e; HOLANDA, Virgínia Célia Cavalcanti de; MESQUISTA, Antônia Iara Oliveira; CRUZ, Raquel Félix. Mudanças e permanências na produção do bordado no distrito de Taparuaba-Sobral/CE. *Revista Homem, Espaço e Tempo*, [S. l.], v. 13, n. 1, p. 23-34, 2019. Disponível em: [//rhet.uvanet.br/index.php/rhet/article/view/290](http://rhet.uvanet.br/index.php/rhet/article/view/290). Acesso em: 14 jun. 2023.

SIMONE, Abdoumalik. *Improvised lives: Rhythms of Endurance in an Urban South*. Cambridge: Polity Press, 2019.

XAKRIABÁ, Célia. Corpo-território. In: GOMES, Ana Maria et al (Org.). *Mundos Indígenas*. Belo Horizonte: Espaço do Conhecimento UFMG, 2020.

ZELIZER, Viviana. *The social meaning of money*. New York: Basic Books, 1994.